

MARCAS DE ESTILO INDIVIDUAL E ESTILO DE GÊNERO EM RESUMOS ESCRITOS POR UNIVERSITÁRIOS

Márcia Helena de Melo PEREIRA¹

RESUMO

O propósito deste trabalho é investigar a relação contígua existente entre estilo individual e estilo de gênero, tomando como base de análise dados do processo de construção de dois resumos escritos por duas duplas de estudantes universitários. Ao conceber gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” do ponto de vista temático, composicional e estilístico, constituídos sócio-historicamente nas diferentes e variadas esferas de comunicação verbal, Bakhtin afasta a ideia de determinismo dos mesmos, dando aos sujeitos a possibilidade de criar, modificar um gênero. Partindo dessas considerações de Bakhtin, perguntamo-nos: as duas duplas em questão usam as mesmas estratégias para se apropriarem do gênero resumo ou as estratégias são diferentes de dupla para dupla? O estilo do gênero prevalece sobre o estilo das duas duplas ou ele deu margem para um posicionamento delas? Quanto aos aspectos metodológicos, os resumos foram escritos conjuntamente, para que pudéssemos registrar a conversa mantida entre os sujeitos a respeito do texto que estavam produzindo. Essa conversa, juntamente com uma entrevista posterior que fizemos com cada dupla, questionando-as a respeito das operações de reescrita que realizaram, acrescentou dados valiosos sobre a apreensão desse gênero do discurso, constituindo nossos dados processuais. Concluímos que o gênero resumo não é muito flexível, mas sua estereotipia não impossibilitou que uma das duplas imprimisse nele seu estilo.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; estilo; processo

Introdução

O texto, tanto oral quanto escrito, tem sido analisado, nas pesquisas linguísticas, sob a perspectiva sintática, semântica, pragmática, dentre outras, considerando-se o produto final escrito, o texto. O enfoque que procuramos dar a ele, neste trabalho, é do ponto de vista de sua criação, de sua gênese. Como nasce um texto? Esta é uma de

¹ UESB, Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL). Rua Rio de Contas, 945, condomínio Jardins Residence, casa 33, Bairro Candeias, Vitória da Conquista-BA. CEP: 45029-094. E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br

nossas questões. Em outras palavras, encaramos a produção escrita como resultado de um processo de construção que inclui planejamento, escrita, revisão, até chegar ao texto considerado acabado pelo escrevente. A metáfora do iceberg é pertinente para ilustrar essa posição. Podemos dizer que o texto considerado acabado é apenas a ponta do iceberg que esconde, na parte submersa, todo o processo de sua constituição. Interessamos, nessa parte submersa, as várias operações distintas e sucessivas realizadas pelo sujeito em sua elaboração textual, tais como: escolhas vocabulares em detrimento de outras, acréscimos de palavras, inversões da ordem de enunciados, rasuras, hesitações etc. Estes dados processuais, se registrados, podem ser de suma importância para a compreensão da relação que o escrevente mantém com o texto e com o discurso que o envolve, ajudando-nos, portanto, a compreender melhor a relação do sujeito com a linguagem. Além disso, o estudo da gênese de um texto mostra que a linguagem é trabalho, fruto de um esforço de elaboração no intuito de encontrar ou criar a expressão adequada para os efeitos de sentidos almejados.

Como sempre enunciamos tomando por base um gênero do discurso, seu conceito é fundamental para se discutir qualquer questão relacionada a textos. Em nosso caso, interessa a relação postulada por Bakhtin (1997) sobre estilo e gênero, em sua obra “Estética da criação verbal”. Para o teórico, não se deve estudar o estilo sem levar em consideração o conceito de enunciado e de gênero, pois há entre eles um “um vínculo indissolúvel, orgânico”. Este estilo é coletivo, pois sempre tomamos por base um gênero marcado pela história para enunciar, e ao mesmo tempo individual, tendo um caráter singular por ser produzido por indivíduos. Portanto, o gênero permite que o sujeito imprima nele seu estilo individual, o que não significa a criação de gêneros novos. Bakhtin postula que há gêneros que não permitem muitas inovações, como é o caso de um requerimento, por exemplo, que apresenta elementos constitutivos mais rígidos, tornando-o mais estável; mas há outros mais acomodatórios a entradas individuais, como é o caso dos gêneros literários. Portanto, há forças que atuam nos gêneros no sentido de estabilizá-los ou desestabilizá-los. O autor nomeou essas forças de centrípetas e centrífugas, respectivamente.

Partindo das considerações acima esboçadas, pretendemos discutir essa relação contígua existente entre estilo e gênero com base em dados do processo de construção de dois resumos escritos por duas duplas de estudantes universitários, sendo uma dupla do curso de Letras e outra dupla do curso de Ciências da Computação, ambas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Perguntamo-nos: há marcas que

evidenciaram a inserção desses sujeitos nos resumos que escreveram ou foi sua estabilidade (força centrípeta) que prevaleceu?

Antes de explicarmos como registramos os dados processuais dos dois resumos que estamos investigando, vamos discutir a noção de gênero discursivo que estamos adotando para fazer nossa discussão.

1. A questão do gênero e sua relação com o estilo

O enfoque discursivo-interacionista de Bakhtin (1995 e 1997) têm contribuído bastante para os estudos da linguagem. Para o autor, o objetivo da linguagem é a comunicação entre um falante/ouvinte e entre um eu-tu, sendo, portanto dialógica. O produto dessa interação social é o enunciado, que está associado a uma situação material concreta e ao contexto de sua produção. Segundo o autor *“a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”* (Bakhtin, 1997:282). De acordo com o teórico, os enunciados apresentam traços em comum e podem variar em termos de extensão, conteúdo e estrutura. A mudança de falantes no ato de uma comunicação também pode lhes conferir limites.

Bakhtin (1997) postula a existência de várias esferas da atividade humana. Por elas serem muitas e variadas, utilizam a língua nacional de modo variado também. São as diversas esferas da atividade humana que produzem os discursos, os quais assumirão formas diferentes, de acordo com a atividade humana que se desenrola e das funções da linguagem que estão em jogo. É dessa forma que os gêneros do discurso podem ser distinguidos. Os diferentes campos de atuação humana contêm um conjunto de gêneros e são eles que determinam os *“tipos relativamente estáveis de enunciados”* que devem se desenvolver em seu interior. Em outras palavras, cada esfera utiliza a língua de acordo com os gêneros do discurso que lhe são próprios.

Todo enunciado, ainda, possui um estilo. Este, por sua vez, é também produzido dentro de um gênero discursivo. Portanto os conceitos de enunciado e de estilo devem ser levados em consideração para se definir gênero do discurso. Os gêneros do discurso organizam a nossa fala, assim como as formas gramaticais também organizam, mas estas se impõem mais aos sujeitos do que as formas dos gêneros.

É preciso lembrar que, embora os gêneros tenham uma forma, a priori, eles não são rígidos e imutáveis. Conforme lembra Brandão (2000), há, segundo Bakhtin, *forças centrípetas e forças centrífugas* atuando nos gêneros. “O gênero é relativamente estável enquanto conjunto de traços marcados pela regularidade, pela repetibilidade, mas essa estabilidade é constantemente ameaçada por pontos de fuga, por forças que atuam sobre as coerções genéricas” (Brandão, 2000:38).

Portanto, a relação do sujeito com a linguagem que estamos propondo investigar, através dos dados processuais que nos servirão de análise, também deve ser pensada tendo em vista a questão dos gêneros discursivos, conforme posta por Bakhtin, pois toda vez que um sujeito enuncia, ele toma por base um gênero do discurso, definido por Bakhtin como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”, do ponto de vista temático, estilístico e composicional. E será também no interior de um gênero que o estilo individual emergirá.

Contudo, como a linguagem é dialógica por natureza, esse estilo não é totalmente individual. Quando o sujeito escolhe um gênero e o organiza de maneira subjetiva, ele contribui para sua alteração. Nas palavras do próprio Bakhtin:

O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. Isso equivale a dizer, claro, que o estilo linguístico não pode ser objeto de um estudo específico, especializado. [...] Quando há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero. [...] Mesmo a seleção que o locutor efetua de uma forma gramatical já é um ato estilístico (Bakhtin, 1997:285-287).

O estudo do estilo deve levar em consideração, ainda, a questão da alteridade, vista pelo autor tanto em relação ao interlocutor, a quem o sujeito adequa a sua fala, quanto em relação aos outros enunciados que estão em vista. Assim, toda palavra é dialógica, pois pressupõe sempre o outro. Esse *outro* é seu destinatário e o(s) outro(s) discurso(s), o que faz com que toda enunciação linguística tenha um caráter social.

Portanto, podemos supor que quanto melhor um sujeito domina um gênero, melhor se comunicaria e melhor exibiria seu estilo individual. Entendendo essa postura

teórica central, Schneuwly (2004) visualizou os gêneros como *megainstrumentos*.

Segundo o autor:

Poderíamos aqui construir uma outra metáfora: considerar o gênero como um “megainstrumento”, como uma configuração estabilizada de vários subsistemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos), permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação. Pode-se, assim, compará-lo ao megainstrumento em que se constitui uma fábrica: conjunto articulado de instrumentos de produção que contribuem para a produção de objetos de um certo tipo. Esse megainstrumento está inserido num sistema complexo de megainstrumentos que contribuem para a sobrevivência de uma sociedade (Schneuwly, 2004:28).

Desta forma, quando alguém precisa agir discursivamente, deve instrumentalizar-se com o gênero, pois será através dele que o sujeito realizará uma ação de linguagem em uma dada situação discursiva.

1.1 Notas sobre o gênero resumo

O gênero por meio do qual nossas duas duplas teriam que enunciar trabalha com a capacidade do escrevente de sintetizar, estando bastante relacionado à leitura e à escrita. Segundo Machado (2002), a sumarização, estratégia essencial na produção do resumo, é um processo mental, muitas vezes inconsciente, usado durante a leitura, quando se retêm as informações principais com o intuito de conseguir compreender a ideia central. Nesse processo de sumarização mental, o leitor vai construindo a “macroestrutura mental do texto”, ao processar as informações por meio de um vínculo entre os novos dados do texto e o seu conhecimento enciclopédico, conforme postula Van Dijk (1996). Sobre esse assunto, Machado (2002:162) salienta que o plano global de organização dos resumos parece estar ligado ao plano global típico desse gênero e não a um possível esquema superestrutural típico do texto resumido.

Machado, Lousada & Abreu-Tardelli (2010), elencam as características de natureza mais formais que fazem parte do resumo. São elas: indicação de dados que identifiquem o texto original (título, local, data de publicação e autoria), apresentação do tema, associação entre o nome do autor original e as ideias colocadas em diferentes

partes do resumo e menção dos atos de linguagem do autor (explicação, afirmação, exemplificação, questionamento etc.). Esta última demonstra uma compreensão ainda mais refinada, por parte do resumidor, das intenções do autor ao usar a linguagem. Estas características ilustram o caráter mais estereotipado que esse gênero possui, pois elas são fundamentais em sua configuração.

Portanto, a mera utilização de estratégias de apagamento e seleção não são suficientes para a elaboração de um resumo, segundo Therezo (2001), tampouco a cópia aleatória de algumas ideias básicas, uma vez que o resumidor deve ser capaz de realizar generalizações e de construir novos enunciados com suas próprias palavras e, para isso, é fundamental que ele tenha atribuído sentido às informações disponíveis no texto e também que domine um amplo vocabulário.

Além disso, o resumidor deve ser capaz de inserir as vozes no texto ao relatar o discurso do outro. Esta é uma das principais dificuldades encontradas por alunos universitários na elaboração desse gênero, segundo Machado (2002), visto que é necessário o uso de diferentes verbos adequados para se indicar diferentes tipos de ações atribuídas ao autor do texto resenhado, como, por exemplo: verbos de procedimento, que são usados para relatar métodos ou procedimentos usados em pesquisas prévias, como categorizar, conduzir, correlacionar, comparar, completar, avaliar, examinar, estudar, analisar, investigar. Portanto, o resumidor precisa compreender as operações de linguagem do autor resenhado.

Em seguida, vamos mostrar como captamos a linguagem em seu *status nascendi*. Uma das principais dificuldades encontradas pelo pesquisador que se envereda por esse tipo de investigação é justamente o registro desses dados.

2. Aspectos metodológicos

Para termos acesso ao processo de construção de nossos textos, adotamos alguns procedimentos metodológicos, quais sejam: inicialmente, fizemos a opção pela escrita conjunta, para que pudéssemos gravar a conversa que as duplas mantinham entre si durante a elaboração dos textos. Com esta gravação, teríamos acesso às dúvidas que os escreventes tiveram, às escolhas linguísticas que empreenderam, etc. Também, poderíamos considerar as reformulações orais feitas por esses estudantes como uma espécie de reescrituração não textualizada. Elegemos uma dupla do curso de Letras

Modernas e outra dupla do curso de Ciências da Computação, ambas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista. Essa escolha deu-se em virtude de a pesquisadora responsável pelo projeto ser a professora dos alunos, naquele momento. O fato de as duplas pertencerem a cursos de áreas diferentes também nos permitiria, no futuro, fazer comparações entre elas, levando em considerações suas áreas de atuação.

Escolhemos como tema para a elaboração do resumo o texto “Os pássaros, a canção e a pressa”,² escrito pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo. Elegemos esse texto por ele tratar de um assunto cada vez mais atual: a pressa da vida moderna, a indústria da urgência. As duplas, então, deveriam ler esse texto e escrever seu resumo.

Solicitamos aos escreventes que não apagassem as modificações que fizessem na primeira versão do texto, ou seja, que mantivessem as “rasuras”. Por último, os estudantes deveriam “passar o texto a limpo”. Este momento de elaboração do texto foi todo registrado em áudio.

Em seguida, ouvimos a gravação em áudio e pontuamos todos os episódios de reescrita encontrados, com base nas duas versões dos textos, e, assim, anotamos todas as situações que nos chamaram a atenção, durante a conversa que tiveram entre si, mas que não chegaram a ser escritas e elaboramos perguntas para fazermos à dupla.

Uma semana após a elaboração do texto, fizemos a entrevista com as duas duplas, questionando-as a respeito das operações de reescrita que realizaram. Sendo assim, eles próprios nos disseram por que apagaram, por que substituíram e assim por diante.

Dessa forma, poderíamos também comparar as duas versões, e, pela gravação em áudio, saber em que ordem as operações de reescrita ocorreram e, com a entrevista, entender por que ocorreram. Portanto, a gravação em áudio foi de suma importância para a apreensão do processo de construção desse texto.

Por último, transcrevemos todas as duas gravações, para facilitar o trabalho de análise dos dados. Portanto, dispomos de um vasto material sobre o qual vários olhares linguísticos podem ser lançados.

² “Os pássaros, a canção e a pressa” foi escrito por ocasião da morte do músico Antônio Carlos Jobim e publicado na edição 1371 da Revista Veja, em dezembro de 1994.

3. Desvendando segredos dos resumos

Como nosso espaço de discussão é curto, é impossível mostrar a gênese dos dois textos, passo a passo. Por isso, traremos momentos dessas duas produções textuais que nos ajudarão a responder às questões que colocamos, neste artigo. Para efeito didático, primeiro discutiremos dados do resumo escrito pela dupla de Letras; em seguida, entram os dados da dupla de Ciências da Computação. Nossas discussões serão feitas tomando por base esses dados, os quais serão apresentados da seguinte maneira: em forma de tabela, sendo que, à esquerda, apresentaremos trechos da conversa mantida pela dupla durante a elaboração textual; à direita, apresentaremos trechos da entrevista posterior que fizemos com as estudantes, desse momento específico da elaboração textual.

L. e W. são nossos sujeitos do Curso de Letras. L. é do sexo feminino e W. do sexo masculino. Ambos estavam cursando o sétimo semestre do curso de Letras Vernáculas, quando a pesquisa foi realizada, em 2013. Este foi o resumo escrito por essa dupla:

[...] os celulares se multiplicam como saúvas, brotam como capim [...]. A frase citada foi extraída do texto “Os pássaros, a canção e a pressa”, publicado pela revista Veja, edição 1371, p. 150 e escrito por Roberto Pompeu de Toledo. O texto mencionado retrata a urgência do sistema, no qual as pessoas estão inseridas, para compreender melhor esse sistema, o autor chega a utilizar a expressão “indústria da urgência”, além de apresentar exemplos situados no século XX. De acordo com o texto, o celular pode ser destacado como um item que representa, efetivamente, a aceleração do tempo, pois a necessidade de chamar e ser chamado das pessoas urge. E, por fim, embora o assunto discutido seja uma característica da contemporaneidade, o colunista mostra uma figura, a saber, Antônio Carlos Jobim, que “andou na contramão da mistificação da pressa”, uma vez que com essa percepção diferenciada do tempo, o grande brasileiro conseguiu perenizar sua arte.

Vamos ver, agora, quais foram as primeiras palavras da dupla diante da atividade que deveriam desenvolver:

Elaboração do texto	Entrevista
L.: Éee... Tipo assim... (...) (Risos). Assim, o texto vem de uma revista e tal, aí, logo no início, você pensa que vai falar de Antônio Carlos Jobim.	Pesquisador: Antes de fazer o resumo, era necessário saber exatamente do que se tratava o texto?

<p>W.: É, Antônio Carlos Jobim.</p> <p>L.: Só que ele vai falando...</p> <p>W.: Até mesmo pelo título, né?</p> <p>L.: É. Ele vai falando dessa pressa que nós temos e tal, e depois ele fecha.</p> <p>W.: Voltando pra Antônio Carlos Jobim...</p> <p>L.: Pra Antônio Carlos Jobim</p> <p>W.: Fazendo um contraste, na verdade, né? Interessante que ele faz primeiro um percurso histórico né?</p> <p>L.: Hunrum.</p> <p>W.: Mas o foco...</p> <p>L.: O foco é Jobim.</p> <p>W.: Mas o foco é o celular.</p> <p>L.: O foco é Jobim ou o celular? Porque ele começa falando do celular. Aí ele fala assim: <i>Essa observação, como já terá adivinhado o leitor, vem a propósito da morte desse grande brasileiro que foi Antônio Carlos Jobim.</i></p> <p>W.: É, mas você percebe que, ao longo do texto, ele fala da urgência, da pressa, da questão dos orelhões e, como, com o celular, a pessoa consegue, de algum modo... Como eu poderia falar? Não ficar pra trás no tempo, porque aqui fala que quem não entra no ritmo e tal.</p> <p>L.: Hunrum.</p> <p>W.: Aí, depois, ele retoma a Antônio Carlos...</p> <p>L.: Mas, assim...</p> <p>W.: ...falando que ele fez o contrário. Entendeu?</p> <p>L.: Quando ele fala <i>Essa observação, como já terá adivinhado o leitor, você já tinha adivinhado?</i></p> <p>W.: Não. (Risos).</p> <p>W.: Faltou conhecimento de mundo.</p> <p>L.: Faltou conhecimento de mundo, porque eu acho que, é... a morte dele deve ter alguma coisa a ver com... relacionado a isso aqui, entendeu?</p> <p>W.: É. [...]</p> <p>L.: Porque eu não sei como é que Jobim morreu</p>	<p>W: Na minha opinião, é interessante você saber do que se trata, de fato, o texto, pra você ter mais propriedade pra reproduzir aquilo num resumo.</p> <p>L: É... Sei lá, você precisa saber o assunto do texto pra você resumir aquilo, né? Porque, no resumo, é onde você vai colocar o foco do texto, do que se trata aquele texto. [...]</p>
--	--

não. Aí, aqui ele volta a falar do celular e tal, aí ele fala né? Que Jobim não tinha nada a ver com isso, e é por isso que é lembrado nestas linhas. Era um homem de vagares. Gostava de passarinhos, nanana... Aí ele fala que Jobim fez, justamente, o contrário né?	
---	--

Inicialmente, a dupla procurou discutir o texto-base a fim de descobrir sobre o que ele tratava. Para elaborar um bom resumo é necessário compreender, antes, o conteúdo global do texto, assim como L. e W. enfatizaram, na entrevista que fizemos. L. argumenta: “você precisa saber o assunto do texto pra você resumir aquilo”. Portanto, os excertos acima mostram que quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso, não cabem nele comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado.

Um dado que chamou a nossa atenção, nessa conversa inicial, foi a importância que o conhecimento de mundo exerce para a compreensão de um texto. L. e W. tiveram dificuldade em entender a relação que Roberto Pompeu de Toledo, autor do texto, faz de Antônio Carlos Jobim com a pressa da vida moderna. Koch e Travaglia (1998) salientam a importância do conhecimento de mundo para o estabelecimento da coerência: “O nosso conhecimento de mundo desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência: se o texto falar de coisas que absolutamente não conhecemos, será difícil calcularmos o seu sentido e ele nos parecerá destituído de coerência” (Koch e Travaglia, 1998:60). Depois de refletirem bastante, L. e W. conseguiram fazer a relação cogitada pelo autor e o resumo pôde ser elaborado. Conforme L. enfatiza, Jobim “não tinha nada a ver com isso, e é por isso que é lembrado nestas linhas. Era um homem de vagares. Gostava de passarinhos, nanana... Aí ele fala que Jobim fez, justamente, o contrário né?”

Após terem discutido o texto a ser resumido, a dupla procura, então, começar a escrever seu resumo. A maneira como L. e W. decidiram iniciar o gênero nos surpreendeu, pois, em vez de optarem por um começo tradicional, que traz a indicação de dados que identifiquem o texto original (título, local, data de publicação e autoria) e apresentação do tema, eles optaram por começar seu texto com um tópico frasal diferente: uma citação do texto-base e desenvolver o resumo a partir dela. Vejamos os excertos a seguir, que nos esclarecem acerca desse momento:

Elaboração do texto	Entrevista
<p>L.: A gente pode começar de uma forma diferente. A gente usa um tópico frasal. Lendo esse tópico frasal ela vai saber do que vai falar o texto [...]</p> <p>W.: Essa frase aqui também é interessante, ó. Dá um bom tópico frasal, se a gente focalizar o celular... Essa aqui também, ó.</p> <p>L.: A gente pode copiar, colocar entre aspas, e depois colocar, tipo assim, é...</p> <p>W.: Isso aqui também, ó, que as pessoas usam o celular como peça do vestuário.</p> <p>L.: É... A gente pode pegar uma frase, sabe? Colocar entre aspas, e colocar assim, tipo assim...</p> <p>W.: A frase apresentada foi extraída do texto tal, tal, tal...</p> <p>L.: É...</p> <p>W.: E desenvolve.</p>	<p>Pesquisador: Porque a escolha em começar com um tópico frasal?</p> <p>L.: Porque eu acho que... Éee... Eu tava cansada de começar “no presente texto”, sabe? Isso é bem clichê e tal, e eu queria algo diferente. [...] Porque “no presente texto”, fica aquela coisa muito comum, aquela coisa que você aprende na escola e tal, aquelas frases feitas que os professores dão... Aí... [...] Eu acho que chama a atenção do leitor também, quando tem um tópico frasal que chama atenção, assim, ée... Sei lá, instiga o leitor a ver o que tem ali no resumo.</p>

A conversa que a dupla mantém entre si, nesse momento, é clara: L. e W. queriam começar o resumo de uma forma diferente da tradicional e, por isso, optam por trazer a citação do texto de Toledo. Para isso, tentam localizar a melhor frase do texto a ser resumido para alcançar esse objetivo. Como L. enfatizou: “eu tava cansada de começar ‘no presente texto’, sabe? Isso é bem clichê e tal, e eu queria algo diferente”.

Destacamos o uso dessa citação para iniciar o texto como uma marca de subjetividade da dupla. Mesmo sendo esse um gênero mais padronizado, L. e W. operaram uma escolha no nível funcional do gênero que apontou para uma operação de manobra com sua relativa estabilidade. Lembramos que esse não é um procedimento rotineiro nos resumos. Portanto, L. e W. encontraram espaço para se colocarem no gênero e deixaram entrever um traço da dupla que caracterizou seu estilo.

Apesar desse aspecto diferenciador, a todo instante encontramos exemplos que mostram como o estilo do gênero foi marcante. Vejamos um desses momentos:

Elaboração do texto	Entrevista
<p>L: É um resumo, e esse tema abre espaço pra você, de certa forma, colocar sua opinião.</p> <p>W: É verdade. Temos que tomar cuidado, que não é uma resenha não.</p> <p>[...]</p> <p>W: A gente não precisa mencionar esses exemplos, que a gente tá fazendo resumo.</p>	<p>Pesquisador: Não poderiam colocar a opinião de vocês em um resumo?</p> <p>L: Não.</p> <p>W: Não. Se fosse uma resenha, poderia até ser, mas no resumo não, porque a gente não tem essa liberdade para... não tem esse espaço pra que a gente imprima nossa opinião.</p> <p>[...]</p> <p>Pesquisador: Por que os exemplos deveriam ser cortados em um resumo?</p> <p>L: Porque é, justamente, um resumo do texto. Você só vai falar do que se trata.</p>

Em vários momentos do processo de produção desse resumo, pudemos perceber que a dupla inclui detalhes da estrutura composicional e do estilo do gênero, como neste exemplo. Para construir o gênero resumo, os escreventes apoiaram-se em suas características mais gerais e nas situações rotineiras de seu uso. Conforme salienta Bakhtin (1997), o conhecimento do gênero não deixa de ser um conhecimento social que esperamos que todos os parceiros da comunicação tenham. Essa competência classificatória empírica opera com muita precisão em todas as situações diárias de comunicação e permite que expressemos juízos de valor quanto à adequação dos textos produzidos. Entretanto, há gêneros que são mais padronizados e, por isso, dificultam a manifestação do estilo individual. O gênero resumo encaixa-se nessa gama de gêneros mais fechados, mas, mesmo nele, L. e W. encontraram um espaço para se colocarem, ao optarem pelo uso de um tópico frasal em um gênero em que esse tipo de escolha não é muito comum.

Vejamos, agora, o que nos mostra os dados que recortamos do resumo escrito pela dupla de Ciências da Computação. M. e M. L. são nossos sujeitos, ambos do sexo feminino, e estavam cursando o primeiro semestre quando a pesquisa foi realizada, também em 2013, no mesmo momento em que a pesquisa com a dupla de Letras foi feita. M. e M. L. já haviam tido a Disciplina “Leitura e Produção de Textos Acadêmicos”, a qual tem por objetivo primordial estudar os gêneros mais solicitados na universidade, principalmente o resumo e a resenha. Essa disciplina foi ministrada pela professora pesquisadora.

Este foi o resumo escrito por M. e M. L.:

Em seu artigo “Os pássaros, a canção e a pressa”, publicado na revista Veja, Roberto Pompeu de Toledo passeia por pontos importantes da história da humanidade, a fim de estabelecer um cenário propício para uma comparação entre o comportamento comum e o de Antônio Carlos Jobim.

Como já pontuado anteriormente, Toledo descreve características importantes do século XX, que passou por diversas mudanças, sendo estas políticas, ideológicas e tecnológicas. Suas citações vão de uma simples flâmula, até as grandes e rápidas invenções ligadas à tecnologia, como, por exemplo, o trem bala.

Uma informação focada no texto do autor é o quanto as pessoas estão ficando, cada vez mais, impacientes e insatisfeitas, e o quanto as tecnologias estão contribuindo para essa nova sociedade caótica.

Todas as descrições mencionadas por Roberto Pompeu de Toledo possuem o objetivo central de ilustrar o quão único foi Antônio Carlos Jobim, afinal esse grande nome da música popular brasileira não seguia modas, nem se deixava contagiar pelas tendências momentâneas e, mesmo assim, conseguiu gravar o seu nome na história musical brasileira.

E estas foram as primeiras palavras da dupla, juntamente com as perguntas que fizemos desse momento específico da elaboração textual:

Elaboração do texto	Entrevista
<p>M.: Você conhece Roberto Pompeu de Toledo?</p> <p>M. L.: O único Pompeu que eu conheço é o, do cartão da Tim (Risos). (Leitura silenciosa).</p> <p>M.: Houve um tempo, não. Ainda tem esse tempo. (Risos).</p> <p>M.: É se você for pensar...</p> <p>M. L.: Depende, depende. Tudo é relativo aqui.</p> <p>M.: Uma pessoa que fala sozinha na rua é doida.</p> <p>M. L.: Então, depende. Se ela tiver no celular, é normal. Se não, ela é louca mermo.</p> <p>M.: Ah, é, tem o celular. (Pausa).</p> <p>M.: Mas continua sem ser falando sozinho, ele tá falando com alguém.</p> <p>M. L.: Mas aparentemente é sozinho. É questão de</p>	<p>Pesquisador: Saber exatamente do que se tratava o texto era importante? Por quê?</p> <p>M. L.: Por ser um resumo. Por ser um resumo, você tinha que entender do que o texto tava falando e, no caso, passar aquilo de uma forma mais condensada no texto da gente, sem fugir do tema principal.</p> <p>Pesquisador: Ok. O resumo tinha essa especificidade.</p> <p>M.: Hunrum. Tem que entender pra poder resumir o que ele fala. Tirar a essência do texto pra poder fazer o resumo.</p>

<p>aparência.</p> <p>M.: É. Porque quem tem aquela doença também fala sozinho né? A doença do filme. Como é que é o nome do filme?</p> <p>M. L.: Esquizofrênico?</p> <p>M.: Anram. Também fala com alguém. (Leitura silenciosa).</p> <p>M. L.: Tem mentira nesse segundo parágrafo aí.</p> <p>M.: Cadê a mentira, que eu não cheguei aí ainda não?</p> <p>M. L.: Aqui, ó.</p> <p>M.: Oxe. É mesmo.</p> <p>M. L.: Eu já brinquei, véi.</p> <p>M.: Eu já brinquei de bambolê. (...)</p> <p>[...]</p> <p>M. L.: O texto é uma viagem. Fala de tanta evolução e, no final, volta pra esse tal de Antônio Carlos Jobim aí. Tipo, ele começa sendo a contramão e, no final, também é a contramão.</p> <p>M.: Ele fala de tudo e depois volta.</p> <p>[...]</p> <p>M. L.: O texto fala de evoluções e evoluções, e aí, vem uma pessoa que não tem nada a ver com a evolução.</p>	
---	--

Como L. e W. também fizeram, M. e M. L. procuraram entender o texto a ser resumido para poderem escrever seu resumo. Segundo Machado (2002), a sumarização, estratégia essencial na produção do resumo, é um processo mental, muitas vezes, inconsciente, usado durante a leitura, quando se retêm as informações principais com o intuito de conseguir compreender a ideia central. Nesse processo de sumarização mental, o leitor vai construindo a “macroestrutura mental do texto”, ao processar as informações por meio de um vínculo entre os novos dados do texto e o seu conhecimento enciclopédico. É exatamente isso que M. e M. L. procuram fazer, conforme M. expressa, na entrevista: “Tem que entender pra poder resumir o que ele fala. Tirar a essência do texto pra poder fazer o resumo”. Podemos observar, também, por meio dessa fala, que enunciar por meio do gênero resumo requer do escrevente a capacidade de expressar o responsável pela enunciação, sendo este um dos problemas

mais graves na sua produção, que é a mistura de vozes do autor do texto resumido e do produtor do resumo.

Novamente o elemento “conhecimento de mundo”, um dos fatores responsáveis pela coerência de um texto, segundo Koch e Travaglia (1998). M. pergunta a M. L. se ela conhecia o autor do texto. M. L. responde que o único Pompeu que conhecia era do cartão da Tim (referindo a uma propaganda veiculada na TV, naquele momento). Chama a nossa atenção, também, a maneira bem-humorada com que M. e M. L. encararam a atividade de escrita que tinham pela frente. Sentimos uma leveza maior nesta dupla do que a apresentada pela dupla de Letras. Em outro instante, M. brinca: “Uma pessoa que fala sozinha na rua é doida”. M. L. rebate: “Então, depende. Se ela tiver no celular, é normal. Se não, ela é louca mermo”.

No entanto, mesmo com um humor melhor apurado, não encontramos um único indício que evidenciasse um estilo dessa dupla, como encontramos na dupla anterior, com a escolha da citação para iniciar o resumo. O que prevaleceu, em todos os instantes dessa produção, foi o estilo do gênero. Vejamos um exemplo que ilustra essas ocorrências:

Elaboração do resumo	Entrevista
<p>M: A gente tem que se prender ao texto pra fazer o resumo né?</p> <p>M. L.: Se não me engano, é.</p> <p>M.: Que mais? Tem que citar o autor, de onde veio...</p> <p>M. L.: Siiimm... Exatamente.</p> <p>M.: Bota tudo? No resumo?</p> <p>M. L.: Siiimm...</p> <p>(Pausa).</p> <p>[...]</p> <p>M. L.: Eu acho que ele é um intruso nesse texto, isso sim.</p> <p>(Risos).</p> <p>M.: Você não pode achar nada. Isso é um resumo, não pode usar suas próprias palavras.</p> <p>M. L.: Não é, não é uma resenha crítica.</p> <p>M.: É. Não é uma resenha crítica, senão falava...</p> <p>M. L.: Senão falava que ele é um intruso nesse texto.</p>	<p>Pesquisador: O que seria necessário, então, para escrever um resumo?</p> <p>M. L.: Se você tá fazendo um resumo, você não vai tirar os pedaços do texto da pessoa que escreveu, que eu tô resumindo o texto, e colocar no meu. Porque, aí, não é resumo. Então, você, apesar de você tá mexendo no texto que a outra pessoa traz, pra mim, você tem que colocar com as tuas palavras. Não tem que ser um negócio muito fixo no texto. Você só vai pegar a ideia do texto da outra pessoa e passar pro seu.</p>

[...] Tem que citar o autor, de onde veio...	
[...]	
M: Isso é um resumo, não pode usar suas próprias palavras.	
[...]	

Ou seja, na conversa que a dupla mantém, sobressaem algumas características do gênero, quais sejam: 1) elas deveriam se prender exclusivamente ao texto do autor para elaborar o resumo delas; 2) deveriam inserir a indicação de dados que identificassem o texto original (título, local, data de publicação e autoria); 3) elas não poderiam opinar, pois estavam escrevendo um resumo e nele não cabiam juízos de valor. A crítica caberia em uma resenha e não em um resumo, enfatizam.

Relembramos aqui, novamente, Bakhtin para quem os gêneros exibem formas relativamente estáveis de manifestação do discurso, trazendo, assim, marcas linguísticas geralmente previsíveis e identificáveis de imediato pelos sujeitos na superfície textual. De acordo com o autor (1997), essas formas relativamente estáveis podem ser pensadas até como necessárias para que os sujeitos-falantes estabeleçam interações verbais, uma vez que não construímos sentidos originais cada vez que enunciamos, o que levaria à impossibilidade absoluta de qualquer interação.

No entanto, ter uma certa previsibilidade no uso dos recursos linguísticos, na realização dos enunciados, não significa que os sujeitos não possam selecionar outras formas linguísticas para dizer o que têm a dizer, nem que os gêneros discursivos estão submetidos a formas fixas as quais os sujeitos devem usar. Essas construções, ao contrário, são fórmulas históricas que surgiram ao longo do tempo e de práticas sociais resultantes do trabalho linguístico empreendido pelos sujeitos em suas relações sócio-interacionais, como já expusemos.

Conhecer o gênero por meio do qual se está enunciando também é importante. Vejamos o que nossos dados processuais mostraram a esse respeito:

Elaboração do resumo	Entrevista
M.: Quando foi a última vez que você escreveu um resumo?	Pesquisador: Eu vejo que vocês lembram das aulas, isso é muito (...).
M. L.: Três meses atrás.	M. L.: Eu falei um monte de coisa da aula...
M.: Pra quê?	(Risos).

<p>M. L.: Cê sabe que eu nem lembro? Só sei que eu fiz, mas não lembro pra que que foi não.</p> <p>M.: A última vez que eu fiz um resumo foi na, no...</p> <p>M. L.: Pra Márcia? (Risos)</p> <p>M.: Foi no primeiro semestre, foi no primeiro semestre. Porque eu escrevi, esses dias aí atrás, um artigo, mas quem fez a parte do resumo do artigo não fui eu, foi a outra pessoa do artigo.</p> <p>M. L.: Taí, pô, a gente fez acho que em HC num foi não? Eu acho que foi eu que fiz...</p>	<p>Pesquisador: As aulas ficaram encrustadas na memória. Isso é perfeito. E tentam vários inícios para o resumo: <i>Roberto, o escritor... – Não, soa muito pobre. Roberto Pompeu de Toledo, escritor da revista Veja, escreveu na edição... Essas opções eram muito pobres?</i></p> <p>M. L.: É porque tem que... Se você, como diz o caso, se você tá fazendo um texto, se ele não começar bem, o restante também não vai ser bom. Então, assim, tudo... Uma coisa puxa a outra... É tudo encadeado no texto. Se você começar ele mal, a pessoa que vai ler teu texto, ela não vai se prender, ela não vai achar “Nossa!”. Por mais que o desenvolvimento e a conclusão estejam bons, se o início não tiver, a pessoa já vai ficar com aquele preconceito: “Nossa, que texto ruim!”. Então, tem que ter aquela ligação de que aqui tá bom, aqui também tá bom, aí o outro pedaço também tá bom.</p>
---	---

Conforme salienta Bakhtin (1997), o conhecimento do gênero não deixa de ser um conhecimento social que esperamos que todos os parceiros da comunicação tenham. Essa competência classificatória empírica opera com muita precisão em todas as situações diárias de comunicação e permite que expressemos juízos de valor quanto à adequação dos textos produzidos. Entretanto, há gêneros que são mais padronizados e, por isso, dificultam a manifestação do estilo individual. O gênero resumo, como temos visto até o momento, encaixa-se nessa gama de gêneros mais fechados. Em suas falas, tanto M. e M. L. quanto L. e W. incluem, a todo instante, traços estilísticos e da estrutura composicional do gênero.

Queremos ressaltar, por último, como dados processuais como esses revelam muito acerca da relação do sujeito com a linguagem no momento de produção textual. Inicialmente, vejamos esses excertos que recortamos acerca das escolhas linguísticas que M. e M. L. realizam ao produzirem seu resumo:

Elaboração do resumo	Entrevista
<p>M.: (Lendo) Em seu artigo “Os pássaros, a canção e a pressa”, publicado na revista Veja, Roberto Pompeu de Toledo passeia por pontos importantes da história da tecnologia, a fim de estabelecer um cenário propício para uma comparação entre todo o mundo e o comportamento de Antônio Carlos Jobim.</p> <p>Não. Tá legal, mas, tipo, sem esse <i>todo mundo</i> aqui.</p> <p>M. L.: Arruma um sinônimo.</p>	<p>Pesquisador: Mostrar uma boa palavra. Ótimo. Uma vez resolvida qual seria a palavra, continuam a escrita: <i>Passeia por pontos importantes da história da tecnologia a fim de estabelecer um cenário propício para uma comparação entre todo o mundo e o comportamento de Antônio Carlos Jobim.</i></p> <p>Param na expressão <i>todo mundo</i>. Aí começa outra confusão. Maone diz: <i>Todo mundo não.</i></p> <p>M. L.: <i>O que eu queria com esse todo mundo seria 99% da população e 1% que é ele.</i> M.: <i>Não é 1%. Todo mundo fica muito geral. Não seria todo mundo, ali?</i></p> <p>M.: Ah, não. Eu achei... Quando... Foi L. que desenvolveu essa parte. Quando eu vi esse <i>todo mundo</i>, eu falei “Não. Todo mundo? Todo mundo é uma coisa tão abrangente, tipo, tão grande. Pode colocar tanta gente nesse meio”. <i>Todo mundo</i> não era a expressão. Eu não gostei da expressão.</p>

M. não gostou da expressão “todo mundo”. Na entrevista, disseram que ela inseriria toda a população, inclusive Jobim, que era uma exceção. Portanto, a expressão não era boa. Esse é um bom exemplo para mostrar que as estudantes, em seu processo de criação verbal, realizam intervenções no sentido de substituir itens lexicais, frases ou até mesmo parágrafos inteiros. Assim fazendo, ao construir sua própria linguagem, lançam mão dos modos básicos de arranjos utilizados no comportamento verbal: os eixos paradigmáticos e sintagmáticos.

Conclusão

Nossos dados processuais mostraram que o estilo do gênero resumo foi muito marcante. Vimos emergir, nos dados processuais, um estilo fruto de um trabalho

linguístico coletivo, por princípio, e não marcas de um processo de particularização. Não queremos dizer com isso que não houve trabalho nesse texto; ele ocorreu, mas neste gênero em específico, as escolhas linguísticas feitas foram definidas sócio-historicamente.

Nossa pesquisa chamou a atenção para o percurso que o estudante faz até chegar ao texto que considera definitivo. Procuramos compreender esse percurso, a partir dos rastros deixados pela dupla de seu fazer escritural, registrados pela metodologia que adotamos. Vimos que esse processo escritural foi marcado por momentos de opção, de busca da melhor palavra, frase, estrutura sintática, coerência etc., tendo em vista o gênero do discurso utilizado. Quando olhamos apenas “textos prontos”, bem feitos, muitas vezes não nos damos conta de que por trás dele existe um processo complexo da trajetória daquele sujeito. Este princípio se estende para cada texto particular, por mais bem acabado que pareça.

Nossas análises mostraram, também, que a linguagem é construída sócio-histórico-culturalmente. A palavra utilizada pelo sujeito não é dele, mas vem de outro sujeito e de outros discursos. Em outros termos, o significado da palavra será efetivado através do diálogo com o outro (sujeito e discurso). Mas isso não significa que a sociedade e a história determinam a constituição dos sujeitos. A escola da dupla de Letras em iniciar seu resumo de maneira pouco tradicional, com uma citação, exemplifica que o estilo individual ocorre sim, até em gêneros mais padronizados como o resumo. Dados processuais são muito produtores para mostrar que os sujeitos agem ativamente no interior de uma sociedade e de uma história.

Mostramos, ainda, a importância que os gêneros de discurso desempenham na constituição dos sujeitos e de um estilo “individual”. O gênero deve ser o ponto de partida para o desenvolvimento do estilo individual, havendo mesmo, conforme mostramos, gêneros mais ou menos produtivos nesse sentido. As duplas fizeram escolhas no interior do gênero resumo e dos recursos verbais que sua configuração disponibiliza. Portanto, as escolhas linguísticas devem ser pensadas também em relação aos gêneros e não somente em relação à língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bakhtin, Mikhail. 1995. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.

_____. 1997. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BRANDÃO, Helena Nagamine. 2000. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: Gêneros do discurso na escola, São Paulo: Cortez. p 17 - 45.

Koch, Ingedore. e Travaglia, Luis Carlos. 1998. A coerência textual. São Paulo: Contexto. 1998.

Machado, Ana Raquel. 2002. Revisitando o conceito de resumos. In: Dionísio, A. P.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola Editorial.

Machado, A. R.; Lousada, E. G.; Abreu-Tardelli, L. S. 2010. Resumo. São Paulo: Parábola Editorial.

Scheneuwly, Bernard. 2004. Gêneros e Tipos de Discurso: Considerações Psicológicas e Ontogenéticas. In: Gêneros orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado de Letras.

THEREZO, Graciema Pires. 2001. O resumo como prática de leitura e produção de texto. Revista de Letras, v. 20, n. 1/2, Campinas: PUC, p. 20 – 43.

Van Dijk, Teun A. 1996. Cognição, discurso e interação. São Paulo: Contexto.